

Uso de crack, experiência espacial e sentimentos: a lugaridade fugaz entre euforia e ressentimento no Centro Histórico de Belém

Use of crack, spatial experience and feelings: the placeness between euphoria and resentment in the Historical Center of Belém

Alan Pereira Dias¹

Doutorando em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará

Resumo

O artigo versa sobre cenas abertas de uso de crack e/ou similares, aglomerações e apropriações de fragmentos do espaço público que gravitam em torno dessas substâncias psicoativas. Ancorado em um referencial geográfico e fenomenológico-existencial, objetivou-se analisar o papel dos sentimentos na constituição de imagens e sentidos de lugar por pessoas que habitam cenas de uso no Centro Histórico de Belém, de maneira a esboçar uma geografia emocional. A partir de trabalhos de campo e entrevistas, identificou-se um contexto de vulnerabilidade e desfiliação social, onde os sujeitos estão em situação de rua ou evitam voltar para o lar. Assim, suas lugaridades são marcadas por um embaralhamento de imagens topofílicas (afetivas) e topofóbicas (negativas) em relação à cena, atravessadas pela euforia fugaz da droga, o ressentimento em torno do uso e as implicações negativas do contexto.

Palavras-chave: *Uso de crack; Lugaridade; Espaço público; Desfiliação.*

¹ E-Mail: alan-lp@hotmail.com.

Abstract

The article deals with open scenes of crack and/or similar use, agglomerations and appropriations of fragments of public space that gravitate around these psychoactive substances. Anchored in a geographical and phenomenological-existential reference, the aim was to analyze the role of feelings in the constitution of images and senses of place by people who inhabit scenes of use in the Historic Center of Belém, in order to outline an emotional geography. Based on fieldwork and interviews, a context of vulnerability and social disaffiliation was identified, where subjects are homeless or avoid returning home. Thus, their placeness are marked by a shuffling of topophilic (affective) and topophobic (negative) images in relation to the scene, crossed by the fleeting euphoria of the drug, the resentment surrounding its use and the negative implications of the context.

Keywords: *Use of crack; Placeness; Public space; Disaffiliation.*

Introdução

O uso de crack e/ou similares² tem evidenciado novos desdobramentos dentro da problemática das drogas no Brasil, devido à grande visibilidade de seu consumo em espaços públicos de diversas metrópoles, ambientes denominados no senso comum de “cracolândias”. Frúgoli Jr. e Cavalcanti (2013), ao realizarem um estudo etnográfico em “cracolândias” em São Paulo e no Rio de Janeiro, ressaltam seu caráter móvel, utilizando a noção de territorialidades itinerantes, agregando dinâmicas relacionais e espaciais urbanas. Os autores reconhecem o estigma em torno do termo “Cracolândia”, porém ressaltam a sua importância, pois se trata de uma territorialidade reconhecida por outros atores e agentes, com os quais estabelecem relações tensionadas. Já Bastos e Bertoni (2014) utilizam o termo “cenar de uso” de crack, conceito socioantropológico que abarca as aglomerações e formas de sociabilidade em torno da droga, evitando o estigma em torno da “Cracolândia”.

Na cidade de Belém-PA este cenário é identificado a partir de matérias jornalísticas da segunda década do século XXI, como a publicada no Diário Online, em 2013 (“Centro de Belém cede espaço para a Cracolândia”), que apontava a formação de “cracolândias” na área central, onde – em determinados pontos, como praças, ruas, calçadas, no entorno de prédios públicos – se concentravam indivíduos no intuito de usar e vender

²Por “similares” ao crack compreende-se a pasta base, merla (ou melado) e óxi, psicotrópicos que também derivam da folha de coca, apresentados na forma de “pedra” e fumados com o auxílio de cachimbo. Além disso, na ausência de exames toxicológicos, e se tratando de um mercado ilegal, muitas vezes as denominações se confundem e/ou se sobrepõem (BASTOS; BERTONI, 2014).

crack, assim como outras drogas ilícitas. A matéria acrescenta que, em geral, tais “cracolândias” são formadas por pessoas em situação de vulnerabilidade ou de rua, que realizam pequenos “bicos” e práticas de mendicância para a manutenção do consumo de drogas. Ainda que eivado de sensacionalismo e certa simplificação, as matérias jornalísticas acerca do uso de crack em Belém indicam uma historicidade e permanência do fenômeno no cotidiano, sobretudo na área do velho centro.

O presente artigo tem por objetivo analisar o papel das emoções na constituição de imagens e sentidos de lugar por usuários de crack e/ou similares no Centro Histórico de Belém (CHB), que compõem cenas abertas, ocupações e permanências no espaço público, a partir de incursões a campo e de entrevistas com quatro indivíduos que integram este contexto. No intuito de abordar e destacar o papel dos sentimentos na configuração de espacialidades cotidianas, desvelando uma geografia emocional (ANDREOTTI, 2013; SILVA, 2016), nos aportamos no conceito de lugar, desenvolvido por geógrafos como Dardel (2005), Tuan (1980, 1993) e Holzer (2010, 2013), assim como nas inspirações fenomenológico-existenciais de Bachelard (1974) e Nancy (2016).

Os trabalhos de campo e entrevistas com quatro indivíduos ocorreram ao longo de 2019 e início de 2020, com incursões mais intensas no segundo ano, dados que compõem a dissertação “A EXPERIÊNCIA ESPACIAL DE PESSOAS QUE USAM CRACK E/OU SIMILARES NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM-PA: territorialidade e lugaridade no espaço público” (DIAS, 2021). Os sujeitos com quem foram estabelecidos diálogos mais profundos foram “Junior”, “Buarque”, “Manuel” e “Jonas”³, usuários de crack e/ou similares que estabeleciam permanências em espaços públicos do CHB.

Em Dias (2021) buscou-se compreender o sentido da microterritorialidade de pessoas que usam crack e/ou similares no espaço público do Centro Histórico de Belém (CHB), visando compor uma apresentação dos sujeitos envolvidos na constituição das cenas de uso da droga, microunidades relacionais (PERLONGHER, 1987), assim como uma descrição de suas formas de sociabilidade (SIMMEL, 1983) e tipificações (SCHUTZ, 1979) empregadas pelos sujeitos. Aqui, o exercício reflexivo centra-se no relato dos sujeitos e as imagens de lugar que emergem de experiências particulares, vinculadas a uma biografia e trajetória específicas. Aliado a estes elementos, destaca-se o papel das emoções que afloram e compõem o sentido, a constituição de lugaridades atravessadas

³Utilizamos pseudônimos para retratar os sujeitos entrevistados, visando proteger a identidades e intimidade dos interlocutores, visto que em seus relatos abordam não só situações de precariedade e estigmatização, mas também práticas que podem ser qualificadas como ilegais.

pelo uso prejudicial⁴ de substâncias psicoativas.

A geografia de inspiração fenomenológica e o conceito de lugar: enlaces entre experiência, imagem e emoção

Segundo Holzer (2010), o conceito de “lugar” é fundamental para o estudo da geografia, no entanto, foi relegado durante bastante tempo a um plano secundário, vindo a ser revalorizado e desenvolvido pelos geógrafos humanistas na década de 1980. Marcelo Lopes de Souza (2013) ressalta que, apesar dos diferentes sentidos da palavra “lugar”, o significado que vem se afirmando no plano conceitual da geografia, a partir da década 1970, é o lugar como um espaço vivido e dotado de significados, a partir do qual se desvelam sentidos e imagens de lugar.

Holzer (2010) comenta que a concepção de “lugar” para os geógrafos humanistas é muito semelhante ao que fenomenólogos chamam de “mundo”. Ambas as concepções são constituídas pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros. Esta empreitada teve como pioneiros e principais representantes, resguardando as diferenças nas respectivas perspectivas, Yu-fu Tuan, Edward Relph e Anne Buttimer. Em Tuan (1980), o lugar é entendido enquanto o ambiente familiar, com o qual se estabelece a topofilia, elo afetivo constituído a partir da experiência pessoal. A perspectiva experiencial (TUAN, 1993) trata das formas como a pessoa constitui sua realidade, abarcando tanto os sentidos mais diretos e passivos: olfato, paladar e tato; como a percepção visual ativa e seu caráter indireto de simbolização. Podendo ser direta e íntima, assim como voltada para o mundo exterior. Para Tuan (1993) é o movimento intencional e a percepção que possibilitam aos seres humanos um mundo familiar, com diferentes objetos no espaço, sendo o lugar um objeto de classe especial, um agregado de valor e no qual se poder morar. Ao vivenciarmos o lugar, estabelecendo permanências por um tempo considerável, constituímos sentimentos, valores e um conhecimento íntimo dele. Assim, para o autor, tais caracteres do lugar têm sua formação e sentido a partir da pausa no movimento pelo espaço.

Inspirado nessas formulações, Souza (2013) aponta que o lugar é um espaço

⁴Araujo (2017) expõe que o “padrão de uso” de determinada substância psicoativa consiste na frequência de consumo realizado por um indivíduo. Acerca da classificação “usuário problemático”, o autor aponta que esta abarca três tipos de uso: a) “uso de risco”: padrão que traz riscos, mas não necessariamente danos ao usuário; b) “uso prejudicial” ou “disfuncional”, que agrega problemas de saúde ou socioeconômicos para o usuário; e, por fim, o c) “dependente”: em que o usuário atende determinados critérios clínicos do manual de diagnóstico da Classificação Internacional de Doenças (CID-10).

dotado de significado, um espaço vivido que envolve identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, as quais constituem imagens e sentidos dos lugares, configurando “topofilias” ou “topofobias”, imagens negativas, de afastamento, medo e repulsa. Para o autor, o lugar não é uma “coisa”, não se reduz ao substrato espacial material, na verdade, só se estabelece enquanto durarem as relações sociais das quais são “projeções espacializadas”, ou seja, as imagens e sentidos. Souza (2013) emprega o termo lugarizar para a prática de atribuir sentido a partir de algum tipo de vivência, que não precisa necessariamente ser direta, forte ou cotidiana. O autor destaca a necessidade visceral psicológica de lugarização, de tornar familiares as porções do espaço com as quais mais interagimos, dotando-as de significados e afetos. Sendo a própria necessidade humana de construir um “lar”, mesmo nas situações mais precárias e improváveis, ressaltando que há “níveis de lugaridade”, de acordo com a posição do sujeito e sua mobilização.

Já Holzer (2013), tentando aproximações com a fenomenologia hermenêutica de Heidegger e inspirado pela geograficidade de Dardel, aponta para o vínculo do habitar e a constituição do lugar. Ao contrário de Tuan, entende que a essência do lugar é o movimento, pois ele outorga espaços na medida em que podemos nos locomover, variar nossa intencionalidade e nossas ações a partir da propriedade de nos deslocarmos no espaço, ou melhor, de o corpo criar espaço a partir de seu deslocamento. Isso não significa dizer que a pausa não influa nessa constituição, visto que a lugaridade (essência do lugar) expressa uma relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos, mobilidade e permanência. Sendo que é o movimento que nos permite mudar nossa intencionalidade e nossas ações. Holzer (2010) expõe que os geógrafos humanistas, mesmo tecendo críticas à ciência positivista, utilizam de maneira parcial os procedimentos fenomenológicos. Tanto Tuan quanto Relph estabeleceram atitudes instáveis em relação à fenomenologia. Havendo, assim, a necessidade de se aprofundar as relações entre a geografia e fenomenologia.

Deste modo, para o presente intento, entendemos que as proposições apresentadas acerca do lugar nos oferecem direcionamentos pertinentes para a investigação em seu aspecto ôntico. Porém, ao se pensar na dimensão ontológica, faz-se necessário alguns aprofundamentos que faremos a partir de dois elementos: da imagem e da experiência espacial, enquanto integrantes da espacialidade existencial, tendo por base as proposições de Bachelard (1974) e Nancy (2016). Bachelard (1974) aborda a imagem poética em uma perspectiva filosófica, partindo de uma fenomenologia da imaginação,

que visa o momento em que a imagem poética emerge na consciência como um produto direto do ser do homem enquanto presença. A imagem poética emerge a sonoridade do ser, pois o poeta fala ao âmago do ser, não estando submetida a um impulso, ou de um eco do passado, na verdade possui um ser e um dinamismo próprio, advindo de uma ontologia direta. Segundo o autor:

[...] A imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem jovem. O poeta, na novidade de suas imagens, é sempre origem de linguagem. Para especificarmos bem o que possa ser uma fenomenologia da imagem, para frisarmos que a imagem existe *antes* do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é, antes de ser uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma (BACHELARD, 1974, p. 343).

Para Bachelard só a fenomenologia, a consideração da imagem numa consciência individual, pode reconstituir a subjetividade das imagens e medir a força da amplitude, o sentido de sua transubjetividade (SERPA, 2019). Um elemento essencial na perspectiva de Bachelard (1974, p. 342) é a “repercussão” provocada pela imagem, que propõe sentido e enraizamento imediato no outro. Não é preciso conhecer o passado do poeta para se acessar tal repercussão, pois o poeta alcança o âmago do ser em sua fala. Em seu ser, a imagem singular é dotada de comunicabilidade, de significação ontológica, permitindo uma fenomenologia da imaginação: “[...] estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade”.

Para Bachelard (1974) a fenomenologia da imaginação poética deve realizar uma topoanálise, pois a imagem, a frase que a revela, o verso, ressaltam, formam espaços de linguagem, tanto do espaço feliz, quanto do espaço amedrontador (acerca deste o autor não realiza apontamentos). O autor comenta que os espaços amados pertencem à zona de análise da topofilia e mantêm fora as forças adversas, possuindo um valor de proteção no jogo entre exterior e intimidade. Aqui, não há muita diferença do que Tuan (1980) entende por topofilia, porém, poderíamos dizer que se estabelece uma evidente distância de caráter metodológico, onde o geógrafo intenta operacionalizar um conceito com certa “linearidade”, afastando-se da poética, assim como da transubjetividade.

O termo topofilia associa sentimento com lugar. [...] O fato das imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que o mesmo as tenha determinado, nem necessitamos acreditar [...] que certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época (TUAN, 1980, p. 129).

Assim, o lugar em Tuan (1980, 1993) enfoca a subjetividade e a intimidade, que compõe imagens e sentimentos topofílicos. Já em Bachelard (1974), a experiência espacial é abarcada pelo poder da imaginação⁵, sendo comunicada por imagens, por uma “poética do espaço” e sua transsubjetividade, onde o fenomenólogo opera por meio do devaneio, o estado do “sonhar acordado”, uma contemplação da imagem tal como ela é.

Outras reflexões pertinentes para se pensar a imagem em seu sentido ontológico partem de Jean-Luc Nancy (2016, p. 100), que diz:

A imagem joga-me na cara uma intimidade que a mim chega em plena intimidade – pela vista, pela audição ou pelos próprios sentidos das palavras. A imagem, com efeito, não é somente visual: ela é também musical, poética e, ainda, tátil, olfativa ou gustativa, cinestésica, etc. Esse léxico diferencial é insuficiente, e aqui não há tempo de analisá-lo. A imagem visual assume seguramente um papel de modelo [...].

O autor ressalta que a imagem (em seu ser-imagem) é distinta de seu ser-aí, pois não está aqui, e, sim, longe, em um distanciamento cuja “ausência” do assunto tornado imagem é, na verdade, uma presença intensa. O teor ontológico da imagem em sua concentração é super-fície, ex-posição, ex-pressão. Isso porque a imagem remete ao sagrado, em seu sentido de “separado”, o que fica à parte, pois é em razão de sua separação e distanciamento que se estabelece uma ligação com o que não se pode tocar, mas não intocável, um intangível que o autor nomeia de “distinto”⁶. Este é o oposto de próximo, sempre está longe. A imagem possui uma força íntima em sua forma e traçado, a qual extrai, retém e nos toca de tal forma que mesmo sendo destacada, ela mantém uma face oculta da qual não se descola (NANCY, 2016).

A imagem é a matéria do distinto, sua sedução se dá por sua disponibilidade, ou seja, sua possibilidade de alcance pelos sentidos, pelo estômago, ou mesmo pela razão. Assim, a imagem, em sua plenitude, em sua clareza, é uma evidência do distinto, em sua própria distinção, de maneira a tocar a presença invisível do distinto. Sem a evidência não há imagem, somente o mero enfeite ou decoração. O autor aponta que

⁵Bachelard (1974) ressalta que se trata de uma simplificação dizer que as imagens são geradas pela imaginação, porém é necessário retirar a imagem do campo da lembrança, pois em sua vitalidade a imaginação nos direciona para o futuro.

⁶O *distinto*, segundo a etimologia, é o que é separado através de marcas (a palavra remete a *stigma*, marca com ferro, picada, incisão, tatuagem): aquilo que um traço retira e mantém à parte [*à l'écart*], marcando-o também com essa retirada. [...] o *traço distintivo* separa aquilo que não é mais da ordem do tocar, não exatamente um intocável, mas, sobretudo, um impalpável. Este impalpável se oferece, porém, sob o traço e pelo traço de sua separação [*écart*], por esta distração que o separa [*l'écarte*]. [...]” (NANCY, 2016, p. 97-98, grifos do autor).

não submergimos até o fundo onde se mantém a imagem, na verdade, sem se desprender de seu fundo, ela vem até nós, visto que não se mantém atada tal qual em uma rede ou tela (NANCY, 2016).

Ainda que imagem não se resuma ao objeto percebido em si, pois é a distinção que possibilita o comunicar, ela exige mais que a visão (NANCY, 2016), ou seja, evoca a própria percepção, o espetáculo oferecido pelo campo integrado de sensações, a totalidade fenômeno-sensível (MERLEAU-PONTY, 2006). Tal relação entre percepção e imagem nos permite aproximar a topo-análise de Bachelard (1974) com o próprio conhecimento pré-reflexivo que nos alude Merleau-Ponty (2006), de maneira a possibilitar a imagem poética que não vislumbre apenas uma filosofia literária, mas a própria apreensão da experiência espacial.

Cabe agora destacar o último elemento que atravessa a presente discussão, a emoção. Ainda que os aportes teóricos até aqui explicitados permitam uma abertura às emoções, cabe delinear proposições mais direcionadas nesse sentido. Na geografia, Giuliana Andreotti (2013), destaca a necessidade de se ir além da racionalidade científica entranhada na cultura ocidental, de maneira a nos atentarmos para as emoções, sentimentos e sensações, enquanto fontes importantes de conhecimentos e representações do mundo. A autora aponta que adentrar esta perspectiva nos possibilita:

[...] entender mais sobre os lugares, a penetrar com sentimentos e ideias no interior de coisas, no ruído de fundo que está oculto. Consulta as áreas geográficas em busca de sua álgebra invisível, de seus caracteres particulares. Examina a multidão infinita de imagens, mensagens e impressões que se projetam sobre nós e são estratificadas em um mesmo espaço. Este é um projeto de psicogeografia, ou seja, uma aliança entre a psique e geografia que sugere viver a realidade de uma forma mais consciente e profunda. (ANDREOTTI, 2013, p. 101).

Nesse sentido, Silva (2016) aponta que a relação que estabelecemos com o espaço não se restringe a uma corpóreo e visual, mas é enlaçada também com emoções que integram experiências e vivências que se expressam em relação a determinados lugares, podendo ser negativas ou positivas. No âmbito da sociologia, Koury (2004) também propõe pensar a emoção como categoria analítica, como objeto de investigação. Para o autor, a emoção é uma categoria de entendimento que contribui para a apreensão do ser humano e da sociedade em geral, para tanto, define emoção enquanto:

[...] uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto e situação social e cultural determinados. A sociologia da emoção parte, deste modo, do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são

produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade. Em sua fundamentação analítica vai além do que um ator social sente em certas circunstâncias ou com relação às histórias de vida estritamente pessoal (KOURY, 2004, p. 89).

Assim, em um sentido metodológico, a reflexão no campo da sociologia da emoção deve levar em conta os fatores sociais que influenciam a esfera emocional, suas configurações e os limites de sua influência (KOURY, 2004).

A percepção da singularidade dos sujeitos, social e historicamente determinados, que embora pertencentes a um mesmo e global processo civilizador e com valores universais da sociabilidade ocidental, mantêm características, princípios e *ethos* particulares da cultura em que está imerso, parece ser uma das tarefas que a sociologia da emoção estão envolvidas e se propõe como base analítica. A sociologia da emoção [...] busca investigar os fatores sociais, culturais e psicológicos que encontram expressão em sentimentos e emoções particulares, compreendendo como esses sentimentos e emoções interatuam e se encontram relacionados com o desenvolvimento de repertórios culturais distintivos nas diferentes sociedades (KOURY, 2004, p. 90-91).

Dessa forma, as emoções revelam-se como elemento fundamental para a compreensão da constituição de lugaridades, sobretudo a partir das imagens que emergem dos grupos sociais, aberturas para o pré-reflexivo, que permitem desvelar uma geografia emocional (ANDREOTTI, 2013; SILVA, 2016). Porém, esta perspectiva deve considerar os atores sociais enquanto imersos em uma sociabilidade e em cultura emocional específica, que influencia sua compreensão e definição de situação (KOURY, 2004). Destaca-se que, em se tratando da experiência de usuários de crack e/ou similares em situação de marginalização social, as imagens repercutirão, sobretudo, aspectos negativos (topofóbico), ainda que possa haver sobreposições e atravessamentos com topofilias.

Uso de crack e/ou similares no Centro Histórico de Belém: os “grupos de parceiros” e as imagens de lugar

O Centro Histórico de Belém (CHB) é composto por uma fração do bairro da Cidade Velha e a extensão completa do bairro da Campina (conhecido popularmente como “comércio”), sendo respectivamente o primeiro e segundo núcleo da cidade. O núcleo histórico da cidade de Belém passou por um processo de deterioração/degradação a partir da década de 1950. Em fins do século XX se estabelecem políticas de tombamento do CHB, porém, apesar de algumas ações de valorização, a paisagem do centro histórico ainda evidencia um aspecto de “abandono”, devido à deterioração de determinados pontos (BRITO, 2007). Trindade Jr. e Santos (2010) apontam que intervenções pontuais no núcleo histórico visaram reforçar alguns setores nos bairros, oferecendo atrativos

nos padrões do consumo cultural, serviços para um público-alvo com capacidade de consumo. Posteriormente, Trindade Jr. (2018) comenta que não há evidências expressivas de um processo “clássico” de gentrificação nos bairros citados, no entanto, o autor sugere um processo embrionário de transformações de significados com a criação de sentidos voltados ao lazer em forma de consumo induzido, vinculados a comportamentos e valores da classe média local e de turistas.

Nesse sentido, o CHB apresenta um caráter complexo, onde diversos sujeitos, intencionalidades e contradições se apresentam. Sendo uma área de comércio popular, de concentração de uma série de prédios de órgãos públicos e com diversos pontos turísticos, alguns espaços estruturados para grupos de classe média e turistas. Assim, pela parte do dia, atrai uma multidão provinda de toda a cidade, com os mais diversos interesses. No entanto, devido uma baixa densidade residencial e com a maioria dos serviços funcionando apenas no horário diurno, se estabelece um contraste expressivo entre a movimentação diurna e o silêncio noturno em alguns pontos da área. As calçadas, ruas e praças ocupadas por camelôs, transeuntes e outros trabalhadores durante o horário comercial dão lugar a vigias de barracas, pessoas em situação de rua, indivíduos que atuam em atividades ilícitas e/ou mal-afamadas, assim como usuários de crack e/ou similares.

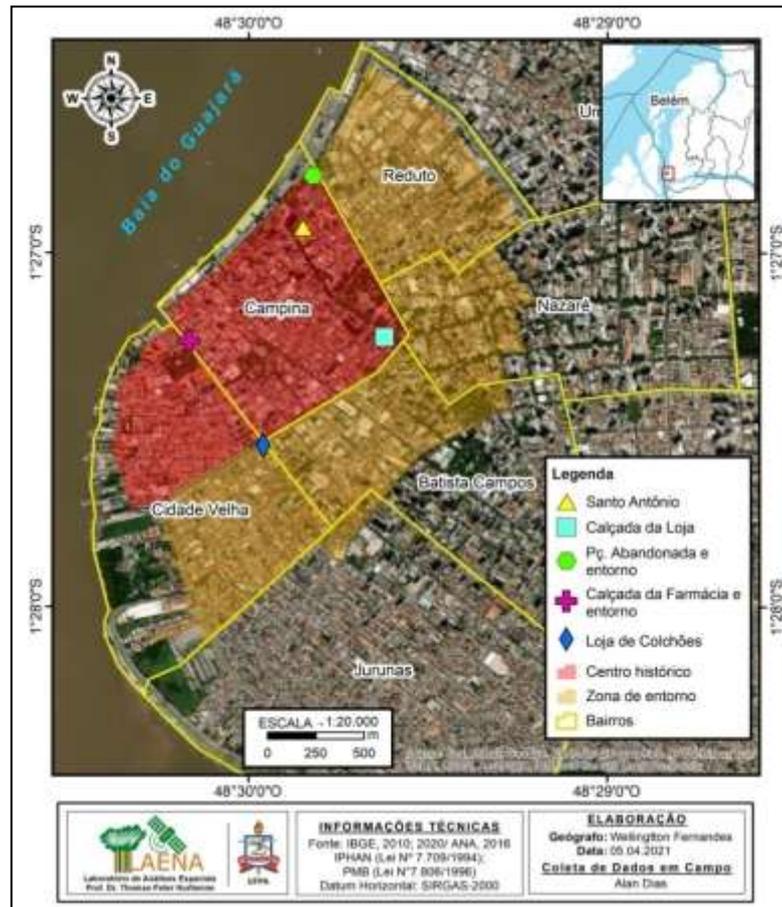
A partir de trabalhos de campo realizados ao longo de 2019 e início de 2020, com incursões mais intensas no segundo ano, identifiquei sete pontos onde se estabeleciam cenas de uso de crack e/ou similares no CHB. A maioria das pessoas que compunham tais cenas se encontrava em situação de vulnerabilidade social, ou, nos termos de Castel (1997), em plena desfiliação, expressando uma precariedade material em relação com frágeis vínculos relacionais. Por conta do estigma relacionado ao uso de psicotrópicos ilícitos, muitas pessoas se portavam de maneira desconfiada ou retraída, evitando falar muito. O que exigiu sensibilidade e frequência nos locais para conseguir estabelecer diálogos plenos, o que fora auxiliado pelo acompanhamento de grupos que realizam práticas solidárias, como doação de alimentos e roupas.

As cenas de uso de crack são marcadas pela “parceria”, uma forma de sociabilidade (SIMMEL, 1983) que envolve interações com laços frágeis e fluídos, elementos próprios ao “morar na rua” e em oposição ao termo “amigo” que parece indicar uma certa constância (e talvez um residir “fixo”). As parcerias se estabelecem em torno do ritual de uso de drogas, a compra e o consumo, mas podiam envolver outras atividades cotidianas como refeições, práticas para obter renda e de lazer. Porém, as relações entre

os “parceiros” envolviam também distanciamentos e desconfianças, sobretudo envolvendo conflitos oriundos do momento de uso de entorpecentes, ou posteriores, que agregam o ressentimento em relação a essa prática e seu contexto espacial e microinteracional. Nas trilhas de Schutz (1979), o termo “parceiro” é aqui entendido também enquanto uma tipificação, um elemento central do sistema de tipos que organiza a reserva de conhecimentos desse universo intersubjetivo, sendo um dispositivo de interpretação que remete ao que é estranho e ao que é familiar.

Por conta da espontaneidade das interações tive uma aproximação maior com 5 grupos, no Mapa 1 estão representados os grupos de “parceiros” e seus locais de permanência no CHB. Na legenda utiliza-se a forma que os sujeitos tipificam os locais que ocupam, sendo respectivamente os parceiros da: 1) “Santo Antônio”, estes tem por local de repouso a frente de uma agência bancaria na R. Santo Antônio, entre Av. Pres. Vargas e Trv. Frei Gil de Vila Nova; 2) “Calçada da Loja”, permanecem na calçada de uma loja de departamento em frente à Pç. das Sereias; 3) “Pç. Abandonada e entorno”, sujeitos que ocupam a Pç. Waldemar Henrique, sobretudo a sua concha acústica e os bancos da Pç. do Escoteiro; 4) “Calçada da Farmácia e entorno”, ocupam a calçada oposta à Pç. Dom Pedro II, em especial a frente de uma farmácia; e 5) “Loja de Colchões”, no cruzamento da Av. Alm. Tamandaré com Av. 16 de Novembro. No presente texto, exponho as interações em dois locais: “Santo Antônio” e “Calçada da Farmácia”, onde não só interagi, mas consegui estabelecer contatos prolongados com quatro pessoas, “Junior”, “Buarque”, “Manuel” e “Jonas”, desenvolvendo conversas informais e entrevistas que me possibilitaram desdobrar os dados obtidos em observação, assim como evidenciar as diferentes trajetórias dos sujeitos e distinções entre as formas de agrupamentos.

Mapa 1 – Localização dos grupos de parceiros no Centro Histórico de Belém, março de 2020.



Fonte: Material adaptado pelo autor.

“Junior”⁷, “Buarque”⁸ e “Manuel”⁹ integram os parceiros da “Santo Antônio”, se estabelecem em frente a uma agência bancária, utilizando durante a noite a calçada e as muretas do prédio para dormir, às vezes dormem na calçada do lado oposto. Neste agrupamento, as cenas de uso de crack e/ou similares são menos expressivas, os integrantes em geral possuem formas de controle do uso mais eficientes, tendo laços precários, porém com uma certa estabilidade.

Já na “Calçada da Farmácia”, onde se estabelece “Jonas”¹⁰, há uma cena de uso

⁷“Junior” tem 43 anos de idade, trabalha com a coleta de latinhas, parou os estudos no ensino médio e já tinha 15 anos em situação de rua, por conta de questões familiares e o uso de drogas.

⁸“Buarque” tem 55 anos de idade, relatou possuir ensino superior incompleto e chegou a ficar em situação de rua por conta da perda de emprego, problemas familiares e devido ao envolvimento com drogas. No momento da pesquisa, disse possuir um “quarto” (palavras dele) na casa de irmãos, podendo, às vezes, dormir na rua. “Buarque” trabalha lavando carros no entorno da “Santo Antônio”.

⁹ “Manuel” possui 45 anos de idade, se encontra em situação de rua desde os 12 anos, devido inicialmente a problemas familiares e, posteriormente, ao envolvimento com drogas e práticas criminosas. Relatou que não completou o ensino fundamental e que realiza alguns “bicos” quando pode, mas, em geral, pratica mendicância.

¹⁰“Jonas” tem 30 anos de idade, se identifica como pardo e tem ensino fundamental completo. Relata que começou a usar crack antes de ir para a rua, ainda no seu antigo emprego como motorista de ônibus. Ao

mais expressiva e constante. Em todas as minhas visitas presenciei o uso de crack e/ou similares, que ocorria em diversos trios, os quais, ainda que próximos em distância física, não eram coesos. Além das situações de entorpecimento, não presenciei outras práticas compartilhadas, evidenciando laços mais frágeis entre os sujeitos, o que pode estar relacionado ao próprio uso mais intenso.

Nos trabalhos de campo, imergimos em contextos de extrema precariedade e marginalização, situações de desfiliação social (CASTEL, 1997) e, concomitantemente, presenciamos também a capacidade de indivíduos, não importando as adversidades, constituírem ou responderem ao apelo de uma permanência, uma ânsia de um lar e familiaridade, esse impulso que vem do cansaço e o inevitável repouso, e mais ainda na plenitude do dormir. Uma situação que diríamos, em acordo com Dardel (2005), expressa uma vulnerabilidade radical própria ao ser-aí. Aqui, porém, em tal situação concreta, a vida de pessoas imersas em relações com o crack e seus similares, em situação de rua, e todo o estigma e vulnerabilidade envolvida nessas ocupações, há um embaralhamento intenso entre os significados de orientação e desorientação, de intimidade e desabrigo. Quando pergunto para “Junior” o que significa o ponto da “Santo Antônio”, depois de oito anos lá, ele responde que:

Pra falar a verdade, pra mim significa nada, cara. Nada, nada, nada. Porque eu tento sempre sair da rua, mas eu não consigo, entendeu cara. Eu tento, mas não consigo. Eu não tenho, assim, um emprego fixo pra mim alugar um quarto pra mim, entendeu? Porque eu arrumando R\$ 10, 20 por dia, não vai dar pra mim pagar um quarto de R\$ 300, 400 reais, entendeu? Então é assim, porque quando eu tava com a minha ex-mulher, eu tinha condições porque eu trabalhava, depois eu perdi a cabeça mesmo. Vim pras ruas, me joguei nas drogas, na cachaça. Como eu falei, nunca mexi em nada de ninguém, mas sempre, entendeu, usando droga, bebendo cachaça, o dinheiro que eu pegava era só pra droga, entendeu? Assim, então... (Informação verbal)¹¹.

Então pergunto o “por que” dele estar naquele ponto em específico. Ele responde que: “Porque aqui eu acho mais seguro” (Informação verbal)¹². Ressalta que ao menos é mais seguro que o bairro de São Brás. Na fala de “Junior” evidencia-se uma precariedade “ontológica”, uma completa tensão em seu habitar, onde sua

perguntar como ele se mantém financeiramente no momento, responde que quando trabalhava como motorista sofreu um assalto onde foi baleado (inclusive me mostra a cicatriz na barriga), então passou a receber um benefício, que ele aponta não ser suficiente para ajudar sua mãe e seus dois filhos, ou para poder alugar um quarto para ele. Ainda que passe boa parte do tempo na rua, por motivações familiares, ele relata que volta para a residência da sua mãe por volta das 7h, 8h, onde almoça e realiza suas práticas de higiene. Já pela tarde, ou de noite, retorna à rua, onde algumas vezes acaba ficando por mais tempo, uma rotina que já perdura três anos.

¹¹ “Junior”. Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

¹² “Junior”. Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

autoidentidade, seu projetar aspira um outro contexto que parece não encontrar tangibilidade. Já “Buarque”, ao ser indagado sobre o que significa aquele lugar para ele, responde: “Dependendo dos caras, é satisfação de conversar, dividir um prato de comida. É isso que faz o lugar (Informação verbal)¹³”. É na possibilidade desses fatores que “Buarque” pode ficar por lá, ou retornar para o seu quarto. “Manuel” destaca que costuma ficar na “Santo Antônio”, dormindo no mesmo ponto e grupo por motivos de segurança. Porém, diz que é importante não confiar em todo mundo, pois é perigoso. Termina sua fala dizendo: “Na rua, ninguém dorme de verdade, a pessoa sempre fica com um olho aberto (Informação verbal)¹⁴”.

Em outro ponto do CHB, pergunto a “Jonas” o que significa a “Calçada da Farmácia”, ele responde: “Aquilo ali... Aquilo ali, pra mim... eu acho assim, um lixo. (Informação verbal)¹⁵”. Pergunto se tem interesse de complementar, ele ressalta que acha o espaço uma “porcaria”, visto que tem “muita coisa errada ali”, as pessoas ficam em “meio ao lixo”, que sente muita vontade de sair dali, não só por ele, mas por sua família.

Como evidenciado acerca da “Santo Antônio”, tais lugaridades diferenciadas abarcam as próprias trajetórias dos sujeitos. Enquanto “Buarque” possui um quarto em casa de parentes, podendo retornar a ele em situações adversas, resguarda as possibilidades de uma configuração topofílica em relação ao local, “Manuel” e “Junior” ressaltam uma ambiguidade própria do habitar a rua, onde topofilia e topofobia pouco se diferenciam, ou são precariamente diferenciadas. Sobretudo em “Junior” há uma implicação maior de sofrimento em suas falas, talvez pelo fato de ter mais referências anteriores e externas a situação de rua que “Manuel”. Evidentemente, tais lugaridades precisam ser balizadas a partir das experiências com as drogas, tanto as ilícitas quanto as lícitas (sobretudo o álcool), visto que se apresentam como possibilidades de fuga do “aqui” topofóbico e conseqüentemente de um “si-mesmo”. Como expõe “Junior”:

Não sei das outras pessoas, porque eu sofro, quando eu uso droga eu sofro (agora sua fala fica agitada e um pouco ansiosa), no momento que a gente tamo usando droga, aquilo ali é uma, sabe? Uma diversão, mas depois quando passa aquilo ali, que a gente vamo refletir, ‘pô, o que foi que eu fiz?’, né? Perco roupa, perco, perco (sua fala gagueja) até a dignidade, que as pessoas veem a gente usando droga, a gente usa aí mesmo, entendeu? As pessoas vejam olha esse rapaz ta usando droga, num sei o que, num sei o que mais, assim, assim. Ficam falando, não só na nossa frente, mas por trás também, entendeu? E policiais pegam revistam a gente, quando a gente não tem nada, eles levam o único dinheiro que a gente tem, eles levam. Porque a gente tamo em situação de risco,

¹³ “Buarque”. Conversa informal realizada em 7 de janeiro de 2020.

¹⁴ “Manuel”. Entrevista concedida em 4 de março de 2020.

¹⁵ “Jonas”. Entrevista concedida em 4 de março de 2020.

né? Em situação de rua, eles pensam que todo mundo faz merda, entendeu? E eles levam, várias vezes eles já levaram o meu dinheiro, sem eu fazer nada, nada (Informação verbal)¹⁶.

Ainda que possamos questionar qual a validade das imagens oriundas da embriaguez (visto que reporta um si-mesmo "precário"), como expõe "Junior", no momento de uso do entorpecente evidenciam-se imagens topofílicas, a congregação fluída da cena, a familiaridade espacial que nos alude Bachelard (1974). Como no dia 17 de janeiro de 2020, em que encontrei "Junior" alegre, inclusive me abraçou e disse que tínhamos que conversar. No momento achava que ele estava só sob o efeito do álcool, pois vi uma garrafa de bebida na sua mão, mas ele relatou posteriormente que havia usado crack. Identifiquei uma situação semelhante também na "Calçada da Farmácia", onde "Jonas" e seus companheiros pareciam confraternizar no momento de uso da droga, aparentando algum tipo de amizade.

Porém, assim como o efeito do crack, de euforia e leveza momentânea culminando em um estado apático, as imagens da intimidade perdem sua força. Com uma brusca passagem de uma topofilia para o ar de estranheza, tal qual o que se expressa para os outros (*outsiders*, externos à prática), essas metamorfoses da intimidade para o estranhamento também se evidenciam entre os usuários da droga (*insiders*, internos ao grupo), pois uma certa atmosfera de fraternidade e amizade eram substituídas por distanciamentos, próprios aos parceiros.

Acompanhado desse distanciamento, vem um ressentimento em relação ao uso (evidentemente que não são instantâneos). Todos os sujeitos entrevistados demonstravam interesse em largar as drogas, sempre expressando o sofrimento relacionado ao uso prejudicial, ainda que em intensidades diferentes. Talvez o distanciamento referente ao parceiro não fosse só em relação a desconfianças e experiências ruins, mas esteja relacionado à culpa particular, que transborda aos outros que o acompanham, que compõem o contexto do uso. Acerca desse ressentimento em relação ao uso, "Junior" expõe que:

Pra mim, no outro dia é só arrependimento cara. Pra falar a verdade, é só arrependimento. Eu uso mesmo não sei por que, eu sinto vergonha mesmo. Porque eu só uso pra me arrepender no outro dia. Tá entendendo? Só uso pra me arrepender no outro dia. Eu não sou daquele cara de usar aqui e "ah, amanhã eu vou usar de novo". Se eu usar um dia, amanhã eu to arrependido, moleque. Aí eu vou, vou, vou... "Não, eu vou parar com esse negócio", eu tento parar, mas não consigo. Inclusive eu quero ir lá no CAPS lá, pegar umas pílulas que é a de ansia e pra dormir entendeu? E ontem eu tava lá, bem na frente, não deu... eu não quis entrar, porque eu tava com um sacão de lata. Aí, eu não quis entrar lá,

¹⁶ "Junior". Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

entendeu? Não queria deixar minhas latas lá na frente. Mas qualquer dia vou tirar um dia pra mim ir lá. Mas é tratamento de drogas e álcool, lá no CAPS¹⁷, sabe onde é né? 14 com a José Malcher, parece... uma coisa assim (Informação verbal)¹⁸.

Ainda que "Junior" consiga estabelecer padrões de controle acerca do uso, sua fala evidencia a dificuldade de largar as drogas, sobretudo estando em situação de rua, em plena desfiliação. Ressalta mais de uma vez sua vontade de parar: "É cara, eu tô porquê... égua, porque essa vida não é fácil não cara. Não é pra mim e não é pra ninguém, [...] porque é difícil, é difícil pra caralho... (Informação verbal).¹⁹" Apesar do uso do palavrão ao final da sentença, ele não exclama, não há raiva enérgica, apenas um lamento.

Ao estabelecerem permanências intensas no espaço público, os sujeitos enfrentam desafios, sobretudo em situação de rua, onde não possuem uma base de intimidade em que possam recuperar suas forças, configurando-se um habitar precário e desguarnecido frente às adversidades naturais e humanas. Todos os interlocutores, "Junior", "Buarque", "Manuel" e "Jonas", citaram como principais problemas a violência, tanto por parte de usuários de drogas, de traficantes, ou mesmo pela polícia, e conflitos com donos de estabelecimento, ou moradores da área. Porém, fora possível observar também interações amistosas, redes de apoio de vários grupos de ação solidária, que doam refeições e roupas, assim como momentos de fraternidade entre as pessoas que fazem uso de crack, sobretudo a amizade de "Junior" e "Buarque".

Ao adentrarmos na biografia dos sujeitos, temos acesso às motivações que os levaram para o espaço público e em alguns casos à situação de rua. No caso das quatro pessoas com quem estabelecemos diálogos recorrentes, o crack não fora a fagulha inicial para a evasão do lar, que denominamos "exílio". Outras situações desencadearam os problemas familiares, porém a relação com as drogas ilícitas se evidencia como um catalisador desse processo, em que o usuário disfuncional se afasta, buscando esconder o uso ou evitar conflitos com entes mais próximos.

Considerações finais

A partir do exposto, compreendemos que a lugaridade constituída por usuários de crack e/ou similares no CHB, em situação de rua ou que passam boa parte do tempo na

¹⁷"Junior" se refere ao Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD).

¹⁸"Junior". Entrevista concedida em 28 de fevereiro de 2020.

¹⁹"Junior". Entrevista concedida em 28 de fevereiro de 2020.

mesma, parece acompanhar um ciclo de euforia e ressentimento, um sentimento ruim pretérito que é re-sentido ciclicamente no uso prejudicial de drogas. Um enlace contraditório e demasiadamente tensionado, fundado por momentos de um “si-mesmo precário” pelo envolvimento com o crack e seus similares. Onde o permanecer e demorar-se nessa circunstância emerge de uma “exterioridade” que suprime, pela força da dependência, as possibilidades de um projetar-se “autêntico”.

Ante tais circunstâncias, a lugaridade do usuário se expressa a partir da euforia e leveza proporcionada pelo momento de uso da droga, de congregação que resulta em imagens topofílicas. Porém, essas são fugazes, tal qual a duração do efeito da substância, sendo superadas por imagens topofóbicas de estranhamento e estrangeirismo, relacionadas à situação de desfiliação social, imbuídas de ressentimento e culpa pelo uso da droga. Evidente que a passagem de uma situação de euforia para uma apatia não é instantânea, porém, como se expressa no relato dos interlocutores, a repercussão da topofobia é muito mais intensa e duradoura, de maneira a quase encobrir qualquer resquício de topofilia.

Ademais, é importante destacar a fala de Adorno (2017), ao apontar que as pessoas que integram as cenas devem ser focalizadas de maneira integrada às estruturas sociais, onde se evidencia a desigualdade econômica e discriminações de raça, etnia, gênero, etc.; de tal forma que a “rua”, as “cracolândias”, expressam um espaço de fuga frente a problemas familiares e contextos sociais de pobreza. Além disso, são também locais de resistência a repressão e violência perpetrada pelo Estado. Evidente que isso não significa desconsiderar o papel das emoções ou as questões “micro” e cotidianas.

Nesse sentido que destacamos em Dias (2021) que, sobretudo no caso da pessoa que faz uso prejudicial substâncias ilícitas, se expressa uma peculiaridade em sua desfiliação, visto que não só se descolam de suas realidades familiares, sociais e econômicas; há um desmembramento de seu próprio espaço existencial. Elemento que precisa ser ressaltado e analisado com maior profundidade ao se pensar em políticas públicas para esse grupo social.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Rubens. Sobre drogas, rua e autonomia: entre razões repressivas e razões sanitárias. In: FIGUEIREDO, Regina; FEFFERMANN, Marisa; ADORNO, Rubens (org.). *Drogas e sociedade contemporânea: perspectivas para além do proibicionismo*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2017. p. 23-32.
- ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural, em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino Pires. *Maneiras de ler a geografia e cultura*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 98-105.
- ARAUJO, Tarso. *Guia sobre drogas para jornalistas*. São Paulo: IBCCRIM-BBPD-Catalize-SSRC, 2017.
- DIAS, Alan Pereira. *A experiência espacial de pessoas que usam crack e/ou similares no centro histórico de belém-pa: territorialidade e lugaridade no espaço público*. 200 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Planejamento do Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Umido, Universidade Federal do Pará, 2021.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: CIVITA, Victor (ed.). *Os pensadores* 38. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 339-512.
- BASTOS, Francisco Inácio; BERTONI, Neilane. O cenário do consumo de crack e o Inquérito Nacional sobre Crack, 2012. In: BASTOS, Francisco Inácio; BERTONI, Neilane (org.). *Pesquisa nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras?*. Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ, 2014, v. 1, p. 131-146.
- BRITO, Lilian Simone Amorim. *Intervenção no centro histórico e a reorganização sócio-espacial do Bairro da Cidade Velha–Belém/PA*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997.
- CENTRO de Belém cede espaço para a cracolândia. *Diário Online*, Belém, fev. 2013. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticiasinterna.php?nIdNoticia=236445&i drand=780>>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

- FRÚGOLI JR., Heitor; CAVALCANTI, Mariana. Territorialidades da(s) cracolândia(s) em São Paulo e no Rio de Janeiro. *Anuário Antropológico*, v. 38, n. 2, p. 73-97, 2013.
- HOLZER, Werther. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Temas e caminhos da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 37-71.
- HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. *Revista Cidades*, v. 10, n. 17, 2013.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Introdução à sociologia da emoção*. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NANCY, Jean-Luc. A imagem - o distinto. *Outra travessia*, n. 22, p. 97-109, 2016.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.
- SCHUTZ, A. O cenário cognitivo do mundo da vida. In: WAGNER, H. R. (org.). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979a. p. 79-122.
- SERPA, Angelo. *Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia*. São Paulo: Contexto, 2019.
- SILVA, Marcia Alves Soares da. Por uma geografia das emoções. *GEOgraphia*, v. 18, n. 38, p. 99-119, 2016.
- SIMMEL, Georg. Como as formas sociais se mantêm. In: MORAES FILHO, E. (org.). Georg Simmel: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-58.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da; SANTOS, Tiago Veloso dos. Para além da cidade: entre fragmentações e permeabilidades, os desafios do planejamento e da gestão urbana no espaço metropolitano de Belém. *Ateliê geográfico* (UFG), v. 4, p. 20-50, 2010.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1993.